



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

EIXO TEMÁTICO: EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE

FORMA DE APRESENTAÇÃO: RESULTADO (PARCIAL) DE PESQUISA

A EXPRESSÃO POLÍTICA DA INFÂNCIA NO CARNAVAL

João Paulo Mariano Domingues¹
Lucas Ramos Martins²

Resumo

Este resumo tem por objetivo colocar em evidência as experiências vivenciadas por crianças em um bloco de carnaval de luta da cidade de Belo Horizonte. Este tema se apresenta como desdobramento de uma pesquisa de mestrado acadêmico, cujo o tema circunscreve a partir da experiência dos jovens e o carnaval. A partir das observações, foi possível identificar a importância da participação infantil neste bloco. Nesse sentido, propomos uma reflexão sobre a participação e experiência das crianças no carnaval como uma expressão política.

Palavras Chave: Infância; Participação infantil; Carnaval; Política; Educação.

A participação infantil no carnaval: um debate em construção

O interesse em desenvolver a pesquisa no contexto do carnaval se dá pela efervescência da festa e do seu movimento político na cidade de Belo Horizonte. No ano de 2018, mais de 500 blocos foram cadastrados na BeloTur³ e a partir de um movimento de descentralização, desfilaram nas mais diversas regiões da cidade. Uma parte desses blocos se notabilizou por reunirem uma variedade de bandeiras políticas e sociais, que repercutem em suas ações para além do feriado carnavalesco. Nesse cenário, alguns blocos são reconhecidos por sua tônica política, como: Os blocos “Praia da Estação”, “Pena de Pavão de Krishna”, “Então, Brilha!”, pela apropriação dos espaços públicos, territórios marginalizados, bairros periféricos, vilas e favelas, os blocos “Tico Tico Serra Copo” e “Filhos de Tcha Tcha”, pelos movimentos populares por moradia, o blocos “Pula Catraca!” e “Bloca da Bicicletinha”, pelo transporte público e mobilidade urbana, os blocos “Angola Janga”, “Afoxé Bandarê”, “Magia Negra”, com a pauta do racismo e as relações raciais.

Assim, é possível dizer que no caso da capital mineira, para além da visão restrita do carnaval como momento de descontração e descanso, a festa carrega um potencial político e de resistência que provoca questionamentos às estruturas

¹ Pesquisador do Observatório da Juventude da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Av. Antônio Carlos, 6627 – Bairro Pampulha, (31) 3409-3799. Mestrando do Programa de Pós-graduação conhecimento e inclusão social em Educação da FaE/UFMG, jmarianodomingues@gmail.com

² Pesquisador do Núcleo de estudo e pesquisa sobre infância – NEPEI da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Av. Antônio Carlos, 6627 – Bairro Pampulha, (31) 3409-5346. Mestrando do Programa de Pós-graduação conhecimento e inclusão social em Educação da FaE/UFMG, lucasramosmartins@yahoo.com.br

³ Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte.



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

excludentes construídas pelo pensamento moderno. Os blocos de rua e de luta se organizam não apenas para o desfile durante o feriado destinado à festa, mas se mobilizam em vários outros períodos do ano em uma ação constante de provocação e mudança, de reflexão e ação, de denúncia e transformação das relações de poder existentes no cotidiano da cidade.

O bloco pesquisado não será descrito por motivos éticos da pesquisa, no entanto, é possível dizer que se estabelece em um contexto de favela - contexto incomum mesmo para um carnaval com tantos blocos participantes-, é composto por jovens negros e de baixa renda em sua maioria, todavia, surpreende por exercitar a participação de um grande número de crianças negras e de baixa renda.

Compreendemos que a condição política de um bloco de carnaval reside no encontro de sujeitos históricos que produzem cultura.

Mas o que significa quando colocamos as crianças em evidencia?

No campo dos “estudos da infância”, a Sociologia da Infância tem se destacado por estabelecer como pilares a ação das crianças e a noção de infância como estrutura social. A ação ou agência, se relacionam a capacidade da criança em produzir e participar de forma ativa na sociedade. Infância como estrutura social do tipo geracional é uma categoria estável, durável, permanente e apresenta elementos próprios que se diferem de outras estruturas.

A partir destas noções Corsaro (2009), relaciona o processo de socialização à cultura das sociedades e estabelece o conceito de “reprodução interpretativa”, e elucida que,

O termo interpretativa captura os aspectos inovadores da participação das crianças na sociedade, indicando o fato de que as crianças criam e participam de suas culturas de pares singulares por meio da apropriação de informações do mundo adulto de forma a atender aos seus interesses próprios enquanto crianças. O termo reprodução significa que as crianças não apenas internalizam a cultura, mas contribuem ativamente para produção e a mudança cultural. Significa também que as crianças são circunscritas pela reprodução cultural (CORSAO, 2009, p. 31).

Diferente das tradições da Sociologia clássica que pensavam a criança a partir de um processo de socialização passivo, a Sociologia da Infância se dispõem a compreender qual é o papel ativo das crianças em seu processo de socialização e de que forma a cultura em nossa volta é interpretada e ressignificada pelas crianças.

Portanto, a produção de cultura a partir das crianças relaciona-se à sua participação nos espaços coletivos e sua experiência com seus pares, jovens, adultos e idosos. Por “cultura de pares”, entende-se “um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares” (CORSAO, 2009, p. 32).

A partir do momento que os sujeitos do bloco de carnaval reconhecem as crianças como participantes de sua organização e proposição de atividades, tais sujeitos passam a legitimar a cultura infantil e reconhecer sua potência na sociedade. Neste momento as crianças passam a incorporar de forma ativa o coletivo. Exemplos desta participação se estabeleceram a partir da presença das crianças na bateria do bloco, na participação e proposição das discussões, oficinas, eventos e debates, na proposição de



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

repertório musical, na interlocução entre os diversos sujeitos, na mediação de conflitos, entre outras atividades.

Além do fato da participação ativa como sujeitos atuantes na sociedade já estabelecer uma atividade política em si, também consideramos a participação das crianças como uma expressão política pelo fato destes sujeitos estarem em um contexto em que a organização e as dinâmicas viabilizam um espaço democrático, e com repertório de questões que compõem pautas tais como mobilidade urbana, ocupação dos espaços públicos, o reconhecimento dos diversos sujeitos subalternizados (população negra, LGBT, mulheres, indígenas), entre tantos outros temas abordados pelo bloco de carnaval.

Compreender a produção de cultura infantil e, no nosso caso, a produção desta cultura como expressão política na experiência de participação no carnaval, segue o caminho da legitimidade da agência das crianças, em evidenciar as potencialidades dos relacionamentos que às envolvem, além de elucidar o papel de interferência e participação infantil na sociedade como um todo.

Mas, qual a importância de compreender essa experiência para o campo da educação?

No processo de compreensão das contradições sociais advindas das relações humanas, bem como no seu movimento para transformação social se constrói o sentido da educação e dos processos educativos como ações políticas, culturais e da liberdade (FREIRE, 1987).

O sentido da educação, bem como a condição política das ações, reside nas práticas que questionam a visão de mundo de uma cultura dominante, que extrapolam o caráter de reação e autodefesa e passam a ser criadoras e produtoras da sua própria cultura. Trata-se de um processo de denúncia das desigualdades, bem como um exercício de resistência e de uma ação radical alternativa (FREIRE, 1996).

Não se trata apenas de reconhecer os processos de exclusão em que estão inseridos os blocos de carnaval de Belo Horizonte. Os seus participantes a partir do exercício de práticas de resistência constroem a ação política que se fundamenta nas diferenças e no desejo de mudança social (FREIRE, 1987).

Eles sugerem um choque com as pautas rígidas e seletivas da sociedade contemporânea. Ou seja, através das suas formas de organização, do seu fazer político por meio da festa, do desvio do caráter utilitarista dos espaços públicos e dos territórios marginalizados e do reconhecimento de sujeitos subalternizados, propõe outras formas de ver e viver o mundo, provocando os sujeitos a experimentar outras possibilidades de vida.

Nesse movimento, os blocos de rua e de luta da cidade através de suas práticas irreverentes e insurgentes imprimem outras representações, outras formas criativas de se viver, criam e experimentam uma trama que vislumbram outras lógicas de ver e ser no mundo.

A expressão política da infância no carnaval, observada a partir da experiência vivenciadas tanto pelos jovens quanto pelas crianças, portanto, é e está contida no processo político e educativo não linear das relações humanas que desloca, cria fissura, provoca, questiona, interpela uma cultura dominante que impõe padrões violentos, manipula, domestica, desumaniza, exclui e marginaliza sujeitos históricos.

Todavia é importante pensar: toda experiência do bloco é transformadora? Toda experiência do bloco pode ser vista como resistência contra uma cultura hegemônica?



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

Existem tensões na construção dessas experiências? É possível perceber aspectos discriminatórios dentro das experiências do bloco?

Essas perguntas desencadeiam uma série de debates pretendidos pela pesquisa em andamento e traze-las nesse resumo tem como objetivo mostrar que essa construção política do carnaval não é observada de modo romântico e que os desafios e as tensões existentes deverão ser debatidos ao longo do trabalho.

REFERÊNCIAS

CORSARO, W. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: Fernanda Muller, Ana Maria Almeida Carvalho (ors.). Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1986.